



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR : EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES--BARCELLOS

Regionalismo



CREDITOU-SE durante muito tempo que levar o povo dos campos e das aldeias a imitar o das cidades e dos grandes centros

de população era encaminhá-lo no sentido da civilização e do progresso e assegurar a mais perfeita união entre todas as provincias do Paiz.

Consequencia do systema de centralisação administrativa que durante tanto tempo seduziu os nossos politicos, esta ideia vinha dando resultados que não é possível considerar felizes.

As nossas provincias, todas ellas tão notaveis e tão interessantes pelos seus variados aspectos especiaes, pelas manifestações tão differentes da sua actividade, pelo caracter, pelo genio, pelo feito particular dos seus habitantes, pelos seus trajos regionaes tão pittorescos, pelas suas lindas cantigas populares, pelas suas lendas, pelos seus costumes tradicionaes, e até pela sua maneira differente de fallar a lingua portugueza, iam-se realmente approximando e fundindo em um typo unico, muito rasoavel talvez debaixo do ponto de vista administrativo, mas banal, incaracteristico, pouco interessante.

Tudo o que distinguia umas das outras as diversas regiões de Portugal ia-se pouco a pouco perdendo com a triste mania de imitar os usos e as modas de Lisboa, já de si copiadas das grandes capitães da Europa. E assim, acabaria por se perder tambem, afogado na onda da imitação e da banalidade, o caracter da velha raça portugueza.

*

Felizmente, contra esta orientação errada começa, e já não é sem tempo, a manifestar-se a reacção: começa a comprehender-se que, afinal, ha em cada terra muita coisa boa, propria d'ella, que não se deve deixar perder nem trocar pelo que vem de fóra; que os velhos usos, os antigos costumes, os trajos caracteristicos, as manifestações de arte e até o dialecto, tudo enfim o que faz a feição propria, o cunho especial de cada provincia, é respeitavel e deve ser conservado sempre que não represente a rotina e não vá de encontro ao caminhar do Progresso. E tambem não será difficil de perceber que desprezar os velhos costumes dos nossos Paes e Avós é como que despreza-los a elles, é desprezar a familia que os segue, o lar que os viu florescer, a terra em que se originaram; é desprezar tudo o que constitue o caracter ethnico da raça, é o principio da desnacionalisação e o ponto de partida para o anti-patriotismo.

Não se deve arrancar do coração do povo o respeito que elle tem, instinctivo e conso-

lador, pelas coisas do passado; deixa-lo conservar piedosamente esse sentimento de solidariedade com o meio em que se creou, e que é afinal o meio proprio para que elle se desenvolva e progrida. E' preciso que elle não se habitue a desinteressar-se das honradas tradições que lhe legaram os que o antecederam e das affeições que rodeando-o, lhe dão coragem para a lucta pela vida; a desprender-se da terra, da sua terra que o viu nascer e crear-se, que o seu trabalho fertilisa e torna productiva e cujo horizonte querido é a sua mais doce recordação, e a sua aspiração mais ardente tornar a ver, nas horas amargas da ausencia quando as necessidades da vida o levam a ir para longe d'ella ganhar o pão.

Quem perde o amor ao torrão em que nasceu não tarda a perde-lo tambem á grande patria commum que é o Paiz, e o amor pelo pequeno canto de terra de que cada um de nós conserva sempre no fundo do coração a mais suave e enternecida lembrança, é a mais solida base do patriotismo que torna forte e dominadora uma raça.

*

E aqui está a missão do «Regionalismo», movimento geral do renascimento da provin-

cia, reacção salvadora contra o abuso da centralisação absorvente.

Foi a nossa terra em Portugal a primeira a dar o exemplo, é preciso trabalhar agora para o tornar fecundo.

E podemos estar certos de que não é um trabalho inutil não deixar perder as tradições locais, as antigas usanças, as cantigas populares e até os fatos e costumes regionaes. Não: é um intelligente e patriótico esforço a conservação d'essas recordações do passado; é a garantia da fidelidade á terra em que nascemos e em que estão guardadas as cinzas dos nossos Avós.

Promover o culto e o respeito de tudo o que caracteriza a nossa bella Provincia, o que especialmente nos liga e nos prende a ella, o que é só d'ella e o que faz com que ella seja muito nossa, é ensinar o nosso povo a não lhe perder o amor, é inspirar-lhe o respeito pelo lar e pela familia, é restituir-lhe o orgulho da sua raça, é o orgulho da sua terra, é prende-lo cada vez mais a ella!

E quem não comprehender o que ha de levantado e nobre n'esta ideia e não se associar á propaganda regionalista é porque não tem dentro do peito um coração minhoto.

V. B.

APONTAMENTOS SOBRE BARCELLOS

ANTONIO FOGAÇA

(FRAGMENTO)

MUITAS são as vezes em que dilato a vista por Barcellos, quer na actualidade quer com relação aos trinta e quatro annos que por ahi demorei e que, embora muitas vezes obumbrados de mais ou menos caliginosas nuvens, o que não poderia deixar de ser, tão, geralmente, vária e incerta, mais cortada de magoas e lagrimas que iriada de alegrias e risos, é a sorte de todos os que inconscientemente fomos lançados a este valle de lagrimas, foram os melhores da minha vida, e fazendo-o rememoro em minha reminiscencia, que mais d'ella vivo, pois me evoca o passado que quasi tudo é agora para mim, pois o presente «um quasi nada entre

dous nadas» no dizer conceituoso do P.^o Antonio Vieira, pouco gosar me offerece e do futuro não devo cogitar, por não ter que esperar d'elle nem poder com elle contar, as cousas e as pessoas que tenho visto perpassarem por diante de mim n'esse pela natureza tão favorecido rincão de Portugal, e uma das individualidades que mais me sugestiona o espirito e n'elle avulta é a de Antonio Fogaça, pelo muito que foi e valeu no periodo tão breve e rapido em que repentina e inesperadamente surgiu para o mundo das letras, quão repentina e tristemente d'elle desapareceu, e fico-me cogitando d'espaco o primacial lugar que elle viria a conquistar e a definitivamente occupar n'esse mundo, se a morte, empolgando-o impediedosa, lhe não tornara tão curta a existencia.

E' que não sei eu que na literatura portuguesa, aliás fertil de gentis poetas, tenha havido outro que se lhe possa comparar quer

Dos nossos poetas

A primeira noite

*Bradava a Natureza : «Deus clemente !
lança um manto de sombra, por piedade,
sobre meus hombros, deixa que d' vontade
deslize o pranto n'este solo ardente !»*

*«Tornou-se a luz aos crimes indiff'rente.
E Kain, maldizendo a humanidade,
tinge de sangue a doce claridade
do meu sonbo d'amor, covardemente !»*

*Deus então, condoído d'estas magnas,
baixando o Sol d' tunica das aguas,
d'este modo ensombrando as roseas telas,*

*disse-lhe : «Chora ; é triste o que te escuto !
E cobriu-a de lagrimas e luto,
dando-lhe a noite e dando-lhe as estrellas.*

A SAUDADE

*Quando a Morte nos leva uma Esperança,
os amigos que acodem na amargura
não nos deixam lançal-a d' terra escura
porque nos falta a luz, a confiança . . .*

*porisso é que a Saudade, essa creança,
chama o coveiro, tremula e murmura :
«põe-lhe violetas . . . sobre a sepultura . . .
sobre a terra gelada onde descança . . .»*

*Porém, mais tarde, entre um clarão funereo,
louca, em silencio, e sempre caminhando
em procura do vasto cemiterio,*

*vae ella então — virgem de tranças pretas,
toda de branco, pallida, e chorando,
orvalhar, junto d' noite, essas violetas.*

(1) ANTONIO FOGAÇA.

Do seu livro "Versos da Mocidade,, (1883 a 1887)

(1) Poeta admiravel que seria um dos maiores poetas portuguezes, se a sua vida, infelizmente tão curta, o tivesse deixado expandir plenamente o seu soberbo talento. — Ainda assim na pequenissima obra que deixou ha paginas immorredouras, de belleza, de graça, de elevação artistica. — Os seus versos amoldam-se admiravelmente á emoção que traduzem : umas vezes doidamente voluptuosos, frementes de sensualidade, têm a riqueza oriental dos versos de Gautier ; outras são suavemente castos, delicadamente puros, como um poema de Theodoro de Banville ; ás vezes fustigantes de ironia, têm o azedume de uma satyra de Juvenal, outras uma tristeza amarga e profunda, como a dos versos de Anthero. — Mas a sua forma é sempre magnificamente bella, rica e harmoniosa.

na tão inesperada, quão surpreendente, ainda para os que mais de perto com elle tratavam, manifestação de seus acendrados dotes literarios, quer por em tão limitado lapso de tempo, como o que desde então decorre até sua morte, se abrir lugar especial e distinctissimo na primeira ala de seus poetas. Meteóro em demasia celere e bem fugaz no céu das letras patrias, mas sem que por isso deixasse de as iluminar com vivo e duradouro clarão . . .

Conheci-o, mas sem que com elle tratasse,

pois então muito retrahido sobre si, ao parecer pouco communicativo e de um invencivel acanhamento, amanuense na Conservatoria de Barcellos, e pelo modo por que ahi se havia todo entregue á materialidade do serviço de que incumbido, sem a minima expansão para com os collegas, ninguem diria que n'elle havia o estofo de um futuro poeta, e poeta dos mais bem-fadados e dos melhor aproveitados.

Chegavam a tal extremo, no sentido exposto, as exterioridades com que se couraçava

va e escondia ao publico o seu intimo e tudo o que de radiante e cantante lhe ia no alevantado espirito que, por muitas vezes, seus companheiros de trabalho o metiam á bulha e á sua custa galhofavam, colhendo para o fazerem pretexto nas mais pequenas cousas, como se elle fôra tão simples quão o aparentava e isto sem a minima reacção sua.

Pois não decorreu muito tempo desde essa epoca até o dia em que, sobre haver partido para Coimbra, e ahi ter em breve lapso vencido todos os preparatorios precisos para entrar á Faculdade de Direito, haver realisado sua matricula n'ella.

A crisalida rapidamente se tornara borboleta, e ensaiando seus vôos, com tersa e de-

cidida vontade, começava de librar-se nos ares que tinha por campo de sua virtualidade.

Entrado na Universidade não se demorou, sem que por isso descursasse as obrigações a que o seu curso o obrigava, em dar testemunho em diversas folhas, quer da Academia quer a esta estranhas, do talento e mais dotes poeticos com que bem o fadara a natureza, e do solícito estudo com que os acrisolára, e logo desde seus primeiros passos no ousado commetimento conseguiu salientar-se entre seus irmãos d'armas e entre elles ganhar nome não receioso de competencias vencedoras . . .

RODRIGO VELLOSO.

Cartas á minha vizinha

X I

O amor que a Vizinha tem pelos pobres. — A sua piedade por elles é esteril. — O que é a esmola. — Como ella muitas vezes é immoral e insufficiente. — As creanças das ruas. — Se a virtude é natural ou um producto da educação. — Rousseau, Lafontaine e Lombroso, apreciando as creanças. — O desamparo moral dos pequenos radios. — A Escola das ruas e o crime. — A esmola como um systema de exploração.

Vizinha :

SE eu lhe perguntasse um dia, minha boa amiga, se a Vizinha ama os pobres, os ignorantes, os desgraçados, responder-me-hia indubitavelmente que sim; — que o seu coração e a sua religião lhe mandam amar o proximo, soccorre-lo, consola-lo, protege-lo e que Christo, o suave Nazareno, amou sobretudo: os fracos, os humildes e as creanças.

Mas se eu, como Importuno que sou, insistisse e lhe perguntasse ainda, como a Vizinha realisa praticamente esse bom e nobre sentimento, como o traduz em acções boas e generosas, talvez se embarçasse em responder-me.

Eu creio, minha encantadora amiga, que realmente esse piedoso desejo de amar a po-

breza, a desgraça, a fraqueza, perfuma toda a sua alma bem formada, como o aroma delicado e forte dos laranjaes perfuma e domina todo um pomar em flôr.

Mas penso tambem que esse desejo, que esse elevado sentimento, vive em si quazi inutil, como uma chamma que arde e que se gasta e nada aquece, nem illumina.

De que vale, minha ingenua amiga, amar os pobres, os velhos ou os doentes desamparados, se o seu amor por elles é esteril e se não traduz em actos que melhorem a sua pobreza, confortem a sua velhice, cuidem da sua doença?

De que vale o seu olhar ou as suas palavras de piedade pelas creanças, que vadiam pelas nossas ruas, ao desamparo, se o seu olhar e as suas palavras as não educam nem as protegem?

Dir-me-ha talvez que dá esmolas . . .

A esmola Vizinha!! Eu já lhe não quero dizer quanto ella é humilhante; como ella se torna muitas e muitas vezes uma escola de mentiras, de preguiça e de baixaze, como se converte em um torpe systema de exploração, tal como nós a praticamos ao acaso, le-vianamente, distrahidamente.

Mas, ainda que a esmola fosse sempre bem applicada . . .

Que diria a Vizinha, da mãe que se limitasse a dar aos filhos dinheiro, pão ou vestuario e que de resto os desamparasse, de-

BARCELLOS



A ponte do caminho de ferro sobre o Cavado

Cliché de Augusto Soucaslux

Simili-gravura de Marques Abreu

sinteressando-se: das suas dores, da sua ignorância, do crescimento e saúde do seu corpo, da formação e aperfeiçoamento da sua alma? Que essa mãe não tinha amor pelos filhos, não é verdade? e que cumpria *mercenariamente* e sem affecto o elementar dever de os não deixar morrer á fome ou ao frio.

E' por isso, Vizinha, que a esmola por maior que seja, é muito pouco para quem quer amar os pobres e os desamparados.

Veja, por exemplo, Vizinha, essas creanças que examciam pelas ruas e por ellas se vão perdendo n'um abandono que confrange a alma; veem-lhe pedir esmola e a Vizinha julga-se quite do seu dever de os amar e de os socorrer, dando-lhe um pouco de pão ou dinheiro?!

Mas supponhamos que essa creança com o seu pão ou o seu dinheiro desafogou a fome de um instante.

Não volta ella, ao sahir de sua casa, Vi-

zinha, para a rua que é sua escola, onde os sinistros professores são a miséria, a vadiagem, os companheiros viciados? Quem era esse pequenino ser que lhe entrou em casa a pedir, envolto em quatro farrapos, sujo, mal cuidado, com a mentira prompta a sahir-lhe da bocca, com o disfarce prompto a velar-lhe os gestos e as palavras? Quem era e para onde vae? Que fará, que será d'elle? A sua esmola, Vizinha, tornou-o melhor, ou fez-lhe nascer um vicio novo, na sua alma abandonada, prompta a corromper-se? E que alma é essa alma, formada ao desamparo, como o cardo dos montes e mais infeliz do que elle porque ao menos as raizes do cardo encontram sempre na terra de que se alimentem?

A virtude, Vizinha, não surge *natural e espontaneamente* na alma das creanças, como pensava Rousseau.

E se o velho La Fontaine, sempre perseguido pelos gaiatos das ruas que troçavam

do seu aspecto desarranjado e ridiculo, é injusto chamando á infancia «*idade sem piedade*»; sê Lombroso é exagerado quando afirma que a creança, reproduzindo o homem primitivo e assemelhando-se ao criminoso, é geralmente: *mentirosa, ladra gluttona, imprevidente, cruel e vaidosa*; é certo que a bondade, a generosidade, a honradez, são plantas delicadas, que se devem semear e amparar com a maior cuidado no terreno desabrigado e exposto — que é a alma infantil.

Como ha-de ser moralmente sã a creança que, torturada pela fome, vê nos mercados tanto com que satisfazer esse appetite violento que lhe aperta o pequenino estomago, como uma garra de ferro ?

E de resto quem vae surprehender essa tentação do furto, quando se esboça na sua alma naturalmente cupida? Quem a procura arrancar de lá, como a uma herva damninha, quem a substitue pela noção moral do dever? Quem, confortando-lhe o seu estomago avido e tantas vezes vazio, lhe desmente a noção que a creança lançada ás ruas vae tendo de que o *semelhante* é o inimigo a quem é preciso arrancar o pão ou o dinheiro, seja embora pela mentira, pela fraude, pelo disfarce, pela humilhação? !

Sim, pela humilhação! Pois, que independência, que elevação e delicadeza de sentimentos, pode ter o homem que foi educado a *pedir*, curvando o corpo, dobrando a alma, ouvindo n'uma insensibilidade que o habito creou: as grosserias, as impaciencias, as irritações e os desprezos de quem recusa e ás vezes de quem dá esmola? !

Os efeitos da educação das ruas, nas creanças creadas sem familia ou por ella moralmente abandonadas, revelam-se pavorosos, nas estatisticas criminaes.

Raux, director de uma escola correccional, observa em 385 delinquentes juvenis 51,13 % que não receberam pela indifferente fraqueza ou pela perversidade dos paes, uma educação cuidadosa da familia.

Na escola penitenciaria de Elmira (Estados Unidos) verifica-se que apenas 7 ou 8 % das creanças criminosas, tinham tido um meio familiar bom.

E é a *esmola* quem nos evita esse enorme perigo social, e nos desquita do dever de

amar os pobres os mais pobres, e dos fracos os mais fracos, que são as creanças das ruas ?

A esmola que é quazi sempre *immoral*, e sempre de efeitos moraes incertos.

A esmola que tantas vezes é um torpe meio de exploração das creanças pelos paes.

Ha tempos contou-me um meu amigo que uma noite de inverno, junto ao café do theatro, uma creança impertinente e maçadora lhe pedia esmola; pedia e chorava. Depois de uma recusa mais desabrida a creança rompeu n'um choro convulso.

Perguntaram-lhe porque chorava assim.

— Porque a minha mãe, se eu lhe não trouxer um tanto (e disse a quantia), no fim do dia, bate-me, respondeu a desgraçadinha.

E isto é um facto, apesar de monstruoso, trivial.

Ficará, portanto, com a consciencia desencansada, Vizinha, e pensando que cumpriu plenamente o nobre e grandioso preceito do Evangelho, que lhe manda amar e socorrer o proximo, quando deixar cahir com a sua mão enluvada, uma esmola, nas mãos avidas e supplicantes de uma creança que lhe peca ?

Mas que fazer, que tentar ?

Na proxima carta esforçar-me-hei por dizer-lhe se me não julgar demasiado

Importuno,



Das: Mil e Uma Historias

Um celebre Trancolino, que houve em Lisboa, grande amigo do cantor Celestino, dando rasgadamente uma memoravel função de fiambre e champagne a muitos amigos, n'uma barraca de feira, estranhou um pouco os preços e deixou para outra occasião o averiguar-se a conta da despeza feita.

Depois, como um emissario da quitanda principiasse a visital-o todas as manhãs na casa d'elle, com o papelinho fatal — haviam feito saltar as rolhas a vinte garrafas, pouco mais ou menos, e aquelle champagne saía, posto aqui, a tres mil reis; na barraca, qua

tro mil e oito centos; — o bom Trancolino ouvindo-o dizer-lhe, que tinha ordem de não sair de casa d'elle n'esse dia sem o dinheiro, puxou-lhe cadeira, e pediu-lhe com cortezia que estivesse a seu cômodo.

Em seguida escreveu algumas cartas . . .

Chamou depois a patroa, — vivia n'uma casa de hospedes, — e, um pouco tétrico, expressou-se por esta maneira:

— Bem sei que este caso é anômalo, acéphalo, híbrido! (a patroa, pasmada, ia falar) Silêncio! *Tacce!* como diz o Celestino no *Torcato Tasso*. *Ah! Tacce!* Em anoitecendo ha-de levar estas cartas ao seu destino. Compre lacre preto, e feche-as. Ellas aqui ficam em cima do *trenó!*

Depois pegou n'uma folha de papel e escreveu, em lettras de traslado, — tinha um bastardão garrafal de dar no olho:

Não accusem ninguém da minha morte.

Feito isto foi ás casas de dentro buscar um fogareiro.

O outro ficou lendo e relendo aquellas palavras sinistras . . .

Voltou sem demora, fechou cautelosamente as janellas, accendeu o lume, e zás, zás, zás, aparas, papeis, carqueija, uma fumaça, que mettia medo . . .

— Para que está o sr. Trancolino a fazer isso ?

— Para morrer, disse o Trancolino. Nunca supuz que o diabo do champagne fosse tão caro n'essa barraca; mas, já que fiz a asneira, hei-de pagal-a, senão da outra maneira, d'esta.

— Mas, da outra maneira, é que se quer !

— Da outra não posso; vae d'esta.

E abanava; e mais aparas, e mais carqueija . . .

— O' sr. Trancolino, faz favor de abrir a porta, olhe que me falta o ar !

— Saiba morrer o que viver não soube ! declamava Trancolino.

— Abra a porta, sr. Trancolino ! Isto não são termos. E' tolo por natureza ! Leve a breca a conta ! A mim ninguém me paga para acabar com os meus dias. Abra a porta, sr. Trancolino, que já me está custando a fallar . . .

E saltando na chave, o emissario conse-

Oração Final

A SAUDADE DO CÉU

*Se um dia alguém disser: elle, cansado,
Fugiu da vida inconsolado e triste,
Tu, que desde creança repelliste,
Este profundo amor amargurado,*

*Abre com leves mãos, com doce agrado,
Todo este livro — o que de mim existe —
E o coração que tão dorido viste
Sentirás palpitar menos maguado!*

*Em cada folha, em cada verso canta,
A antiga adoração; mais para e santa
De quantas n'este mundo tem havido!*

*E, ficarás pensando tristemente . . .
Outro teria sido certamente,
Se amando-o, outra também tivesse eu sido!*

Do livro «Sistros»

(em preparação)

Raul Martins.

guiu fugir, horrorisado, fugir para nunca mais voltar.

— *Addio! Per sempre addio!* cantava o Trancolino, sempre como o *Torcato Tasso*.

*

— Muito me alegre, com o observar, que vossa alteza esteja ouvindo já o melhor possível !

— Hein . . . ?

— Muito me alegre de . . .

— Escreve-me isso, que não te oiço.

E o cortezão escrevia: «Muito me alegre com o observar que vossa alteza esteja ouvindo o melhor possível !»

— Vae para o diabo ! disse-lhe o príncipe.

*

Era n'um dia de mudança; o padre Marcos, que tinha um aquarium magnifico, com salamandras e outros peixinhos, recommen-

dava aos gallegos, encarregados de levarem os moveis para a sua nova residencia, a maior cautela e vigilancia.

Chegado á casa nova, foi logo examinar o bocal; o bocal estava intacto, mas, os peixinhos haviam desaparecido.

Padre Marcos cobriu-se de suor...

Disse-lhe, um dos moços:

—Fui eu, que me incumbi da redomna.

—E os peixes?

—Estão aqui! *Baia!* Por cautela! disse o gallego, tirando da algibeira das calças uma série de embrulhinhos...

Eram os peixes!

*

Estava, a um canto do balcão, um grande janota, bebericando, de cavaco com um piteireiro subalterno, a que as castanheiras chamam: «de baixa esphera».

Travaram ali uma amisade eterna.

Este, ficou mais leve que o outro, e quiz por força acompanhá-lo a casa.

—Ninguém leva hoje *vósselencia*, senão eu!

—Que quer dizer isso?

—Que ninguém hoje ha-de acompanhá-lo, senão a minha pessoa!

—Aonde?

—Para casa.

—Para fazer o que?

—Para dormir.

—Ah! Para dormir. Isso sim. E' bom. Então vamos por ahí fóra!

—Vamos embora!

Põem-se a caminho. Tombo cá, tombo lá. Uma dança, primeiro que chegassem á habitação do cavalheiro, e que subissem, — e entrassem, levando-o elle em braços. Casa magnífica.

—Viva o luxo! diz o de *baixa esphera*. Quanto pagas aqui de renda, ó tu?

—Sei cá d'isso!

—O' reinadio!

N'isto, sempre com o amigo ao collo, vê cortinas... e deita o fidalgo.

—Safa! Pezas muito!

Depois, desce outra vez pela escada, cáe aquí, cáe ali; e, chegado á rua, quando se

abaixa n'um dos tombos, vê o janota de cócoras.

—Já te levantaste? O' reinadio!

Enganára-se com as cortinas e tinha-o deitado da janella abaixo.

*

Ainda n'outro dia fui visitar uma gente minha conhecida, e encontrei tristissimo, o filho dos donos da casa, que fazia annos, um chamado Perpetuo.

—O' Perpetuosinho! Que tens tu, perola? Entorna nos meus ouvidos tua honrosa confiança... Que mal te fizeram joia?

E o rapaz muito trombudo:

—O tio esta manhã deu-me um livro.

—E, isso, é o motivo para que tu...?

—E'; porque ainda vae ser peor... Prometteu-me outro!...

—Tens razão; não é delicado.

JULIO CEZAR MACHADO.



A vida physica

O tabaco e a sua influencia sobre o organismo.

Os eminentes escriptores Victor Hugo, Balzac, Michelet e Dumas pae, tinham horror ao tabaco.

Diversas opiniões de homens illustres.

O uso do tabaco é uma necessidade superflua, um luxo que o espirito de imitação enraizou, e o habito transformou n'um vicio.

O fumo do tabaco é absorvido pelo fumador, auxiliado por uma inspiração profunda, que o leva aos bronchios e alveolas pulmonares.

O tabaco contém, segundo a sua prove-niencia, de 2 a 7 % de *nicotina*, e a sua combustão, segundo Wokl, produz compostos muito perigosos, taes como o *acido prussico*, *colidina*, *anhydrido carbono*, etc.

Estes compostos têm uma acção bastante irritante sobre os nervos do apparelho respiratorio. D'esta acção resulta um vigor novo, communicado ao systema muscular pelos

BARCELLOS



Um açude no Cavado (St.^a Eugenia)

Cliché de Augusto Soucasaux

Simili-gravura de Marques Abreu

centros nervosos, notando-se uma circulação mais activa e uma agradável aceleração do funcionamento cerebral.

Admitte-se mesmo que este excesso de vitalidade, tenha grande influencia sobre o estomago facilitando a digestão

Acontece que alguns individuos, sem darem a consideração precisa a estes factos, que só mais tarde redundam n'um *enfraquecimento physico e moral*, são arrastados a concluir que o tabaco distrahe, dá mais lucidez de intelligencia e apaga qualquer mal-estar.

Os efeitos do tabaco são sobretudo desastrados para os individuos que tenham occupaões, que os retenham sem fazer movimentos durante bastante tempo, em espaços fechados onde o ar difficilmente se renova.

N'este caso, tanto os rins como as glandulas excretoras, trabalhando pouco, não eliminam os diversos principios que envenenam o sangue.

O fumador é obrigado a cuspir constantemente, de maneira que essa saliva é perdida, para o trabalho digestivo. Se, pelo contrario, o individuo a absorve, ainda é peor, porque vae impregnada de *nicotina*.

A sensibilidade gustativa da lingua diminue e predispoë para o abuso de temperos excitantes, que só prejudicam o estomago.

O esmalte dos dentes é atacado, a sua côr torna-se negra, diminue a sensibilidade do dente e facilita a carie.

A larynge inflamma-se e produz em muitos individuos, uma tosse secca persistente.

O organismo experimenta o canção, ao mais leve esforço, e contrahe uma extrema sensibilidade para o frio.

Indirectamente ainda o tabaco arrasta o homem ao uso das bebidas alcoolicas, que lhe arruinam a saude.

A circulação torna-se irregular, as pulsaões são intermittentes, dando logar a muitas doenças do coração. Segundo a opinião de

muitos medicos illustres, o abuso do tabaco predispõe o organismo para a albumina, diabetes e paralysisa geral.

O tabaco, alliado ao alcool, contribue em extremo, para o grande augmento de doencas mentaes.

Apesar de tudo, ha individuos que resistem aos seus maleficos effectos.

Contam-se n'esse numero, principalmente os individuos que têm uma vida mais movimentada, e são sobretudo mais robustos.

Alguns espiritos superiores, como Victor Hugo, Balzac, Michelet, Dumas pae e tantos outros, tiveram um verdadeiro horror ao tabaco.

Balzac disse: «o tabaco destroe o corpo e ataca a intelligencia».

Conta-se que Victor Hugo, em conversa com alguns amigos, se insurgira contra um d'elles por este lhe ter declarado que o cigarro tinha uma potente influencia sobre a imaginação creadora.

Theodoro de Banville, um grande vicioso, escreveu as seguintes linhas: «o fumador não pode sêr nem um ambicioso nem um trabalhador; nem, salvo raras excepções, um poeta ou um artista».

Zola foi um pouco indulgente com o uso do tabaco; fumou durante algum tempo, e deixou de fumar por conselho d'um medico, n'uma epocha em que julgava ser attingido, por uma doenca do coração.

Dumas filho, disse porem que: «o tabaco é, segundo a sua opinião, com o alcool, o mais terrivel adversario da intelligencia».

Diz o dr. H. Huchard no seu *Traité clinique des maladies du cœur et de l'aorte*: «o tabaco é um verdadeiro veneno do coração».

O illustre phisiologista Oflüger, affirma que o tabaco prejudica ainda mais, que o abuso do vinho.

L. M.

Chronica ligeira

As eleições!... Eis o grito de guerra, o brado formidando que se ouve de todos os lados, de norte a sul e do oriente ao occidente d'este vasto e populoso concelho, onde cerca de 8:000 eleitores vão exprimir, em breve, a vontade politica dos quarenta e tantos mil habitantes, que a nossa linda villa e a pittoresca e interessantissima Barcellinhos agglomeram pela 9.^a parte, dispersando-se o resto pelos casaes das 94 freguezias, que completam esta grande circumscripção municipal do formoso Minho.

As eleições!... A febre, o desvario, a paixão! Mal se solta o respectivo aviso, logo uma anciedade insuflavel se deflagra no espirito dos politicos e por tal forma intensa e communicativa, que pode dizer-se, não ha um peito só onde não encontre repercussão. D'ahi a faina incansavel em que todos se aqodam, o desenvolver d'actividades e operar de sacrificios, verdadeiramente assombrosos!

E' o que ahi se vê. Um movimento desusado, uma notavel exaltação nas conversas,

alteração de relações e quazi que uma completa revolução nos costumes. Os partidarios das differentes facções revestem-se de extranho aspecto e os grupos congregam-se em harmonia com as ligações do momento, em attitude evidente d'hostilidade militante.

E ás quintas feiras? Isso então é que são ellas! Agarra este, apanha aquelle, aperta o outro; não se medem situações nem se regem composturas. E' tudo um torvellinho accionado pela mais insana das paixões. E é assim, que a vida, presentemente, vae decorrendo n'esta formosa rainha do Cava-do, mais fadada para a paz, do que para as luctas crueis de tão agitada epocha.

Entretanto, estes grandes assomos de renhida peleja, têm tambem o seu lado util. Ajudam a sacudir estiolantes inercias e determinam beneficios.

Mas roubam a placidez poetica d'este remançoso viver, em que os dias passam n'uma regularidade serena, que quazi só da natureza recebem a alteração suave e enfeitante d'alguma modalidade pittoresca.

Quem se detem agora a contemplar as bellezas d'este esplendidissimo trecho da mais encantadora provincia do paiz? Ninguem,

INEVITAVEL

a E. R. A.

nem mesmo aquelles que espreitam as coisas pelo lado philosophico ou n'ellas buscam a inspiração de qualquer expressão d'arte.

Agora, tudo se acha, mais ou menos tocado da terrivel febre do momento.

Os proprios indifferentes, apezar das grandes doses do quinino da dissimulação, nem assim logram furtar-se ás manifestações da epidemia eleitoral, que ahi grassa com a maior intensidade.

E até 23 d'agosto assim continuará toda esta perturbação. Deus traga depressa o assignalado dia para restituição do socego que a todos interessa.

M.



ASSUMPTOS DE INSTRUCCÃO E EDUCAÇÃO

Um projecto de cantina

Nas nossas ruas enxameiam as creanças pedintes, que passam o dia de porta em porta, sujas, esfarrapadas e ás vezes cheias de fome.

Ao cabo de um longo dia de peditorio conseguem muitas vezes ajuntar algumas moedas de cobre. Mas as esmolos em dinheiro que uma caridade muitas vezes irreflectida lhes dá, não são em regra para proveito dos pequeninos pedintes; porque, muito frequentemente, essas esmolos vão sustentar: os vícios, a preguiça ou a imprevidencia dos paes.

E entretanto as pobres creanças vivem mal alimentadas, precisamente na idade em que o alimento mais lhes é preciso, emquanto os paes muitas e muitas vezes têm o luxo de fumar, de se embriagarem e de fugir ao trabalho.

Trez creanças conhecemos nós que pedem para o pae, recolhido n'uma casa de caridade e a quem nada falta; no fim da semana a filhita mais velha vae levar-lhe o dinheiro junto pelos trez. Para que? perguntamos-lhes um dia. «—Para o pae fumar».

No entanto quantas e quantas vezes falta a essas creanças um bom alimento reconfortante, uma cama que não seja a rua para dormirem, e vestuario que os resguarde!

Por isso, levada por esta ordem de con-

*Quando lhe estreito o seio em doce abraço,
Mixo de neve e rosa a palpitar,
Quando os labios lhe busco p'r'os beijar
Humidos de prazer e de canção,*

*Eu sinto a vida presa n'esse laço!
Ternos olhos azues, d'envenenar,
Dois retalhos do Ceu a fulgurar
Que Deus houve por bem tirar do Espaço.*

*Os contornos do corpo encantador —
Linhas puras de magico esculptor —
Têm da Graça a harmonia fascinante.*

*Oh! bom senso, oh! razão, de que valeis?
Escravos da Paixão sempre sercis
Emquanto bella fôr a minha amante!*

Lisboa, 16-VI-910. ARNALDO BRAZ.

siderações, e substituindo por esta forma as suas esmolos em dinheiro ás creanças, lembrou-se a redacção desta *Revista* de lançar as bases de uma cantina, para as creanças pobres, *com a condição de frequentarem as aulas.*

Começa muito humildemente com a distribuição semanal de uma refeição, a um pequeno numero de creanças.

Gradualmente, porém, temos a esperança que vá augmentando: tornando mais frequentes as refeições, distribuindo fatos, creando um pequeno dormitorio e um albergue nocturno para os pequenos pedintes.

No proximo sabbado, se possivel fôr, far-se-ha a primeira distribuição de comida a algumas creanças.

Pedimos a todas as pessoas que queiram concorrer para a cantina, o favor de enviarem os seus donativos á nossa redacção.

Aqui se irão publicando as contas da cantina: o dinheiro recebido e o seu emprego.

Liga Barcellense de Instrução e Educação

Esta benemerita instituição obteve das senhoras d'esta villa, que generosamente responderam ao seu pedido, blusas para ves-

tir os alumnos da sua aula diurná. Abençoada e productiva esmola que serve para dar um bom aspecto de limpeza, de alegria, de camaradagem á Escola onde deve existir uma familiar e estreita solidariedade; onde a sombra da miseria não deve entristecer a alegria da aula, nem a desigualdade alimentar invejas ou más ambições.

Continuando a sua boa e laboriosa faina de contribuir para o bem da instrucção e educação, tem a digna Direcção adquirido bom material para as suas aulas: mappas, um globo geographico e uma lanterna de projecções, para elucidação de assumptos de aulas e conferencias.

Tambem vae lançar as bases de uma bibliotheca escolar que, podendo, em pouco tempo converterá em bibliotheca publica.

As suas aulas têm continuado a funcionar com grande proveito para os alumnos, creanças e adultos que em grande numero as frequentam e a Ex.^{ma} Direcção vae introduzir-lhe grandes e profundos melhoramentos.

QUADRAS DO NOSSO POVO

*Já te mandei um raminho
Com quatro castas de flôres ;
Todas quatro vêm lembrar
Nossos primeiros amores.*

*

*A primeira é uma silva
Que significa prisão,
Porque fostes o primeiro
Que me entrou no coração ;*

*

*A segunda é de côr verde,
Que significa esperança ;
Toda a vida ouvi dizer,
Quem espera sempre alcança !*

*

*A terceira flôr é azul,
Que significa ciúme :
Tu p'ra mim sempre agastado,
Eu p'ra ti nem um queirume ;*

*

*A quarta flôr diz saudade
Do tempo que já passou ;
Regada pelos meus olhos
No meu peito se creou.*

REDACÇÃO

Deixou a redacção d'esta *Revista* o sr. Antonio Cardoso d'Albuquerque. Sentimos a sua resolução, que nos foi participada por carta, e agradecemos-lhe a sua muito valiosa collaboração e sempre boa e leal camaradagem.

RODRIGO SOLANO

Falleceu no Porto, onde residia, o illustrado jornalista e digno redactor do *Diario da Tarde*, sr. Rodrigo Solano.

Sentindo a sua morte, enviamos os nossos pesames ao *Diario da Tarde* e á familia enlutada.

Os nossos pobres

Cumprindo a disposição do testamento com que falleceu, no Porto, a ex.^{ma} snr.^a D. Marianna Rita Teixeira da Motta, seu sobrinho, o sr. José Antonio Teixeira da Motta e por intermedio do sr. Commendador Coelho Gonçalves, d'esta villa, entregou-nos a quantia de doze mil e quinhentos reis para ser distribuida pelos nossos pobres.

Por motivo muito contrarjio á nossa vontade, só no proximo n.^o podemos inserir a lista dos contemplados.

Registo

Firmados pelo sr. dr. Rodrigo Velloso, nosso distincto collaborador, recebemos os opusculos :

Perfis Forenses (Dr. José Barroso Pereira de Mattos) e *Galeria de benemeritos* (José de Beça e Menezes) o que muito agradecemos.